

**“FALAM CASEBRES DE PESCADORES” DE GUERRA  
JUNQUEIRO  
NOTAS DE LEITURA I**

**“FALAM CASEBRES DE PESCADORES” BY GUERRA  
JUNQUEIRO  
READING NOTES I**

**Clara Sarmiento**

Centro de Estudos Interculturais, ISCAP-P.PORTO, Portugal

clarasarmiento@gmail.com

Mar pavoroso, mar tenebroso,  
Profundo mar!  
Fúrias eternas, fúrias eternas...  
Nas ondas negras há cavernas  
Com monstros verdes a ulular...

Mar soluçante, mar trovejante,  
Nocturno mar!  
Ventos e frios, ventos e frios...  
Nas ondas turvas há navios  
Com marinheiros a cantar...

Mar de tormenta, mar que rebenta,  
Convulso mar!  
Noites inteiras, noites inteiras...

Nas praias tristes há lareiras  
Com mães e noivas a rezar...

Mar vagabundo, mar furibundo,  
Soturno mar!  
Ais e tumultos, ais e tumultos...  
Nas ondas roucas andam vultos  
De marinheiros a boiar...

Mar infinito, mar infinito,  
Maldito mar!  
Noite e procelas, noite e procelas...  
Entre lençóis, restos de velas,  
Há orfãozinhos a chorar!...

In *Finis Patriae*, Guerra Junqueiro, 1891<sup>1</sup>

“Falam Casebres de Pescadores” é, na continuidade de outras composições de *Finis Patriae* (como “Falam Choupanas de Camponeses”, “Falam Pocilgas de Operários”, “Falam Casebres de Pescadores”, “Falam os Hospitais”, “Falam as Escolas em Ruínas”, “Falam as Cadeias” ou “Falam Condenados”), um exemplo da opção pela poesia de denúncia levada a cabo pelo autor, numa fase de aproximação ao naturalismo de Zola e das suas cruas descrições das camadas mais ínfimas e desfavorecidas da sociedade. Ao gosto pelos grandes rasgos oratórios, patentes n’*A Musa em Férias* e n’*A Velhice do Padre Eterno*, alia-se a piedade pelos humildes de *Os Simples* e da *Oração ao Pão*, aí eivada de misticismo panteísta. Mas nos textos de *Finis Patriae* associa-se-lhes ainda a descrição crua das condições de vida sub-humanas das classes esquecidas pelo poder, na sua dimensão real, extrema, sem qualquer idealização. *Finis Patriae* marca também o momento de transição de Guerra Junqueiro para as fileiras republicanas e de abandono do cargo de deputado da monarquia constitucional, após o *ultimatum* inglês. Neste contexto histórico em que Junqueiro parece anunciar o “fim da pátria”, já não há

---

<sup>1</sup> Guerra Junqueiro, *Finis Patriae*, 2ª ed. Porto: Empreza Litteraria e Typographica Editora, 1891.

lugar para a pobreza idealizada de Júlio Dinis nem para a pobreza bruta mas descomprometida de Cesário Verde. O empenho político dos textos de *Finis Patriae* retira-lhes literariedade mas (ou, por isso mesmo) aproxima-os do horizonte expectacional do público da época. As sucessivas metonímias – em que as pocilgas surgem a falar pelos operários, as choupanas pelos camponeses e os casebres pelos pescadores – enfatizam o condicionamento das personagens humanas pelo meio que as rodeia, como se o conteúdo jamais pudesse vencer o continente que as representa, numa concepção estática da sociedade, sem possibilidade de transformação, coroada pelo determinismo da morte prematura dos mais desfavorecidos.

O texto de “Falam Casebres de Pescadores” parece ser um pretexto para a análise sócio-cultural, forma um conjunto coerente e sistematizado, em linguagem deliberadamente directa e disfórica, de modo a obter um impacto imediato no leitor. O mar, tema tão caro à poesia portuguesa, é aqui apresentado numa panorâmica totalmente diferente, enquanto fonte de pobreza e infelicidade, ao invés de históricos feitos gloriosos, num vocabulário disfemístico, formando um *locus horrendus* de permanente tempestade.

O sema da miséria está patente desde o título (“casebre”), transmitindo igualmente uma noção de exiguidade do espaço que alberga o único abrigo possível das personagens. Todo o poema é uma sucessão de paralelismos na estrutura de cada estrofe, quer a nível fónico quer a nível morfossintático. O primeiro verso é sempre uma caracterização disfórica do mar, em ritmo binário, lento, e rima interna ao próprio verso (“pavoroso”/“tenebroso”). Os sons fechados e surdos e a aliteração da sibilante são como que o segredar de uma verdade lúgubre mas omnipresente na vida dos pescadores, ao som do vento gélido que assobia pelas frestas dos casebres. A eternidade do mar, face à efemeridade da vida humana, é conotada pelos sons nasais e longos dos primeiros versos de cada estrofe (“soluçante”, “trovejante”, “tormenta”), até surgir expressa literalmente na repetição de “infinito” no final da composição, perdurando, assim, também na memória do leitor. Mas a alternância destas sonoridades com os sons que constituem o vocábulo-chave “mar” – sempre repetido por três vezes nos dois primeiros versos de cada estrofe – constrói uma ondulação fónica entre a vogal aberta “a” e todos os outros fonemas nasalados e fechados.

O segundo verso das estrofes, tetrassilábico, exclamativo e graficamente destacado dos demais, é uma súplica das características descritas no primeiro verso. Constitui uma gradação, desde “profundo” até “maldito”, terminando como que com um grito do poeta, como uma onda que há muito se vinha formando e, finalmente, rebenta na

praia com estrondo. Excepcionalmente, na última quintilha, os fonemas revelam-se fortes e abertos (como o “a” e o “i” de “maldito”), profundamente ligados ao grito e à dor, ao passo que, nas estrofes precedentes, as vogais “o” e “u” repetiam-se invariavelmente nos adjectivos utilizados, como “nocturno”, “convulso”, “profundo”, “soturno”.

O terceiro verso, que contém uma repetição assindética em todas as quintilhas, termina em reticências, sugerindo que a sucessão descrita perdura até ao infinito. Nas duas primeiras estrofes, a aliteração da constrictiva surda (“fúrias” e “frios”) e sonora (“ventos”) evoca a tempestade. O quarto e quintos versos, sempre ligados por encavalamento, apresentam, respectivamente, o cenário e os intervenientes no drama dos habitantes dos casebres. Seguindo a trajectória do poema, o leitor toma contacto com os “monstros” que reinam nos mares e que serão responsáveis por todos os horrores descritos, numa clara antítese das ninfas da epopeia clássica: os marinheiros à deriva nos navios, as mulheres chorando em casa, os mortos e os fantasmas dos naufrágios e os órfãos, corolário de toda a tragédia.

À semelhança de “Falam Pocilgas de Operários”, a presença das crianças abandonadas e famintas atrai a atenção e a compaixão do leitor. Os “orfãozinhos”, em diminutivo, são um lugar-comum melodramático, assim como a angustiada espera das “mães e noivas a rezar”. Em estratégica posição de destaque, no último verso do poema, exclamativo e com reticências, os “orfãozinhos” perduram na memória e obtêm um impacto mais fácil e directo. Também em “Falam as Escola em Rínas”, Guerra Junqueiro activa um recurso semelhante e lança mão do sema da infância para os seus objectivos político-sociais. Cada estrofe termina com o verbo referente à acção própria de cada personagem, prolongada pelas reticências, desde o “ulular” terrífico dos monstros até aos “chorar” dos órfãos, suas vítimas longínquas. A cor negra, com todas as suas conotações negativas de morte e luto, domina o poema. Surge explicitamente na primeira estrofe (“ondas negras”) e está implícita em “cavernas”, “turvas”, “noites” e “soturno”, a ela apenas se associando um verde (“monstros verdes”) difemístico e repulsivo.

Depois de uma leitura do poema na sua estrutura geral fortemente paralelística, relevemos agora alguns pontos particulares de “Falam Casebres de Pescadores”. Na segunda estrofe, o síndeto em “ventos e frios” tem um efeito cumulativo e enfático, exprimindo uma série ininterrupta e interminável de infortúnios, que irá reflectir-se em “ais e tumultos” e “noite e procelas”. Neste último caso, a existências de um elemento singular (“noite”) e de outro plural (“procelas”) enfatiza o segundo e sugere a sucessão das tempestades numa só noite de luta contra o mar. A acção de “cantar” dos marinheiros

no meio das “ondas turvas” evoca os cânticos populares que acompanham o trabalho, cânticos que unem os trabalhadores e lhes dão alento. Nesta estrofe, os “marinheiros” tomam o lugar dos “pescadores” do título, não só para os relacionar com a “coragem e aventura” geralmente atribuídas aos marinheiros, mas também para os associar, pela própria constituição da palavra, ao seu inevitável destino: o mar.

Na terceira estrofe, o “mar que rebenta” toma figura no espraio do verso, com a introdução da preposição “de” e do pronome relativo “que”. As “praias tristes” estão personificadas e constituem também uma hipálage, pois quem está triste são as mães e as noivas. Através da sinédoque, “lareiras” toma o lugar dos próprios casebres, o que transforma o porto de chegada num local se não confortável, pelo menos quente e favorável à reunião da família. Mas a espera ainda esperançosa – visível nas rezas e na lareira acesa – das mulheres desta estrofe, em contraste com a orfandade das crianças na última estrofe, pressupõe que entretanto ocorreu a morte dos marinheiros-pescadores. A possibilidade do naufrágio no “mar furibundo” está implícita na penúltima quintilha, com os “ais e tumultos” que tornam “roucas” as ondas, através da sua própria fúria ou, por hipálage, através dos gritos dos marinheiros que se afogam. Estes são, agora, “vultos (...) a boiar”, figuras já esbatidas e fantasmagóricas, entregues aos “monstros verdes” que habitam no mar.

Após a explosão do poeta na última estrofe, o tema da miséria anunciado no título “casebres” é retomado nos “restos de velas” que servem de lençóis às crianças. Como se estas, pobres e órfãs, estivessem também elas perdidas em pleno mar e destinadas irremediavelmente ao naufrágio. O próprio leito é feito de elementos provenientes da faina da pesca, seu destino desde o berço, sem fuga possível, num trágico determinismo próprio da mundividência de Guerra Junqueiro em *Finis Patriae*.

A linguagem de “Falam Casebres de Pescadores”, à semelhança da generalidade de *Finis Patriae*, é violenta e sinestésica, sustentada em enumerações, repetições e exclamações, intensa na sua imagética mórbida. O *Finis Patriae* anunciado por Oliveira Martins, juncado de doença, miséria, loucura e morte, culmina em Guerra Junqueiro num cenário nacional de ínfima esperança e tragédia calamitosa, que a História da época parece mimetizar.